

Segue o fio

1886

O marechal Manuel Deodoro da Fonseca realiza a primeira ligação telefônica do Rio Grande do Sul.

1908

O espanhol Juan Ganzo cria a Companhia Telefônica Rio-Grandense (CTRG), adquirida pela norte-americana ITT em 1927.

Foto: Wikimedia



Leonel Brizola

1962

O governador gaúcho Leonel Brizola encampa os bens da CTN, tornando públicos os serviços de telefonia no estado.

Capítulo 1

Vozes do passado

Um rompante de independência fez surgir a Companhia Riograndense de Telecomunicações – a CRT. E essas três letras jamais saíram da memória dos gaúchos.



Dulce e Renato: a dura transição.

Testemunha ocular

Decano da ASTTI, o ex-diretor de esportes Enoir Kowalski é anterior à própria CRT. Ele ingressou na CTN em 1957, com apenas 13 anos, para atuar como ascensorista.

“Meu pai teve que ir ao Juizado de Menores pedir uma licença para que eu pudesse trabalhar”, lembra. Ao todo, foram 39 anos de dedicação. Enoir aposentou-se em 1996.

O ruído áspero da fita *tape* que lacrava as últimas caixas de papelão foi o som derradeiro ouvido naquela tarde de outubro de 2003. Isso porque as lágrimas que caíam no solo eram inaudíveis, apesar de ainda hoje ecoarem na alma e na memória de Dulce e Renato. Os olhos úmidos miravam o antigo casarão da rua Ramiro D’Ávila, com seus corredores desabitados, abarrotados apenas de lembranças.

Não era um pesadelo, mas um pedaço de sonho que parecia dar um adeus mudo e irrevogável. Nunca mais, assim que a mão consternada de Renato apagasse o interruptor pela última vez. Nunca mais as brincadeiras e os sorrisos dos amigos, nunca mais as vozes que se erguiam para defender ideais. Nunca mais os ranchos e os debates acalorados, as festas que se estendiam, os projetos malucos que davam certo. As vitórias e o choro. A união. A cumplicidade. A família, os rostos da família que a profissão havia unido, nunca mais. Nunca mais aquela associação. A CRT, nunca mais.

Mas ainda não era o fim. A Associação dos Profissionais em Telecomunicações e Tecnologia da Informação (ASTTI) nasceu da necessidade de não morrer. Ela surge como um grito de sobrevivência. Não de pessoas, não de uma marca, mas de um sonho. Um sonho sonhado junto. A utopia, dizia o escritor uruguaio Eduardo Galeano, serve para que caminhemos atrás dela. A ASTTI se configurou em ponte, erigida para que uma jornada não precisasse se encerrar. Um novo parágrafo no livro que o destino parecia ter colocado o ponto final.

Contar essa história passa pelo entendimento dos fatos e dos laços estabelecidos ao longo de quatro décadas de atuação associativa, iniciadas em 1980. É preciso revisitar lugares e personagens marcantes. E tentar, de alguma forma, sentir como era vestir a camisa da Companhia Riograndense de Telecomunicações. Mais do que uma estatal, muito mais do que um emprego, a CRT era um elo. E havia algo de mágico, de familiar e até mesmo de apaixonado em servir à empresa responsável por aproximar os gaúchos por meio da tecnologia.

Iremos, assim, percorrer a linha do tempo no sentido reverso. Por enquanto, fica em suspenso o interruptor da antiga sede da Associação dos Empregados da CRT (AECRT), no bairro da Azenha, em Porto Alegre. Faremos uma rápida viagem, coisa de 117 anos antes de 2003, até a esquina das ruas Riachuelo e General Câmara, no centro da capital gaúcha. Foi lá que começou a história da telefonia no Rio Grande do Sul.



Logotipos da CTRG (1932) e da CTN (1950)

CRT: sinônimo de telefonia

Em 8 de março de 1884, a prefeitura concedeu ao comendador Luiz Augusto de Almeida o direito de instalar uma central de telefonia em Porto Alegre. Provavelmente, ele repassou a concessão à União Telefônica do Brasil (UTB), que iniciou o serviço em 1886, na esquina citada. A UTB tinha apenas 12 assinantes e uma fila de espera com 70 nomes.

O primeiro “alô” dos gaúchos aconteceu em 15 de setembro daquele ano e foi protagonizado pelo marechal Manuel Deodoro da Fonseca, o mesmo que proclamaria a República em 1889 e se tornaria o primeiro presidente do Brasil. Na ocasião, ele era o presidente da província gaúcha.

A partir dali, a telefonia se expandiu para o interior, chegando a localidades como Rio Grande e Pelotas. O primeiro salto ocorre em 15 de junho de 1908, com a criação da Companhia Telefônica Rio-Grandense (CTRG), liderada pelo espanhol Juan Ganzo Fernandes. Outro episódio marcante é a compra da CTRG por parte da empresa norte-americana ITT, em agosto de 1927.

Os norte-americanos impulsionam a telefonia no estado, contribuindo para a ampliação do mercado de trabalho. Tanto que, em 1939,

Apoio fundamental

A Fundação CRT surge em março de 1971. O fundo de pensão foi criado para complementar a aposentadoria dos funcionários, reservando um benefício que se somaria aos valores pagos pela previdência pública.

A primeira turma de funcionários aposentados pela entidade deixou a companhia em julho de 1977.

Em dezembro do mesmo ano, foi constituída a Associação dos Aposentados da CRT (AACRT).



Acesso facilitado

A CRT inaugurou seu primeiro telefone público em 10 de março de 1973. O orelhão ficava na Praça da Alfândega, no centro de Porto Alegre. Esse apelido se devia ao formato oval da cúpula de fibra que protegia os aparelhos. Eles também foram chamados de “tulipa” e “capacete de astronauta”.



Foto: arquivo pessoal de Firmo Bernandes

Em todas as partes:
o colega Firmo Bernandes
inaugura o primeiro
orelhão de Porto Alegre.

Além do Mampituba

A primeira ligação interurbana do estado aconteceu em 1944, com a conversa entre os governadores Cylon Rosa, do Rio Grande do Sul, e Manuel Ribas, do Paraná. A transmissão era feita por ondas curtas de rádio. Muitas vezes, demorava-se até oito horas para conseguir uma chamada com essa tecnologia.

O serviço de Discagem Direta a Distância (DDD) chegou apenas em julho de 1970, conectando Porto Alegre e São Paulo de forma automática. Já as ligações internacionais (DDI) começaram em março de 1976, com uma chamada do governador Sinval Guazzelli para Ottawa, no Canadá.

surge a Associação dos Trabalhadores da Companhia Telefônica (ATCT), a primeira entidade de classe desse setor. A ATCT foi o embrião do Sindicato dos Telefônicos do Rio Grande do Sul (Sinttel-RS), fundado em julho de 1941, no embalo das reformas trabalhistas conduzidas pelo presidente Getúlio Vargas.

Em janeiro de 1950, a ITT une suas operações no Brasil e cria a Companhia Telefônica Nacional (CTN). Mas a CTN fica marcada pela ineficiência. Insatisfeito com os serviços, o governador Leonel Brizola decide estatizar o setor de comunicações. Nesse ínterim, houve uma proposta de compra de um percentual da CTN, mas os norte-americanos descartaram o negócio. A negativa foi determinante para que, em 30 de dezembro de 1960, Brizola assinasse a Lei 4.073, que estabelecia a criação da CRT. O estado teria 51% das ações da nova empresa; o restante pertenceria à CTN.

A ITT concorda com a parceria, mas exige ser ressarcida pela perda do patrimônio. O problema é que nunca houve acordo entre gaúchos e norte-americanos em relação ao cálculo da indenização.

A celeuma culminou com a encampação total da telefonia por parte do estado. Em 16 de fevereiro de 1962, Brizola assina um decreto que torna públicos os bens da CTN e cria os Serviços Telefônicos Retomados (STR). “Ali, a telefonia passou a operar com duas empresas. A STR era o braço jurídico. Já a CRT respondia pela parte operacional”, explica o historiador Rogério Verlindo, ex-funcionário da CRT e pesquisador da trajetória das telecomunicações no Rio Grande do Sul

A duplicidade se devia à pendenga judicial envolvendo os norte-americanos, uma rixa que se transformou em episódio diplomático e só foi amainada cinco anos depois. Em 1967, a STR enfim sai de cena, restando apenas a CRT. Mesmo surgida na segunda metade do século 20, a empresa granjeou para si toda a história da telefonia no estado. “É comum ouvirmos pessoas dizendo que o avô trabalhou na CRT nos anos 1930”, conta Verlindo. É um fenômeno semelhante ao ocorrido com a Gillette no segmento de lâminas de barbear – ou com a Frigidaire no setor de geladeiras. Ao longo do tempo, CRT e telefonia tornaram-se uma coisa só na memória dos gaúchos.

Apoio fundamental

O surgimento da Fundação CRT ocorre na gestão do Cel. Antônio da Silva Nunes. Ele foi o mais longo presidente da empresa. Ficou à frente da CRT em duas oportunidades: de 1963 a 1971 e de 1975 a 1979.



Aperte aqui

A CRT começou a oferecer telefones de teclas em 1978, em substituição aos aparelhos de disco.

Foto: Memorial CRT (AACRT)



Foto: Reprodução - Memorial CRT (AACRT)

Tradição: profissional de rede em ação nos anos 1930, em Porto Alegre.

Relíquia: diploma de uma competição realizada pelo GET em 1952.

Foto: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa



Autoridade: Brizola assina a encampação da CTN, em 1962.



Túnel do tempo: a estrutura de trabalho da CRT na década de 1970.



Bibliografia do capítulo

- *Renascem as Telecomunicações* – Euclides Oliveira (Editel, 1992);
- Documentário “A Era CRT”, produzido pela AACRT (2018);
- *Anais da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul*;
- Rogério Verlindo, historiador especializado na trajetória das telecomunicações no Rio Grande do Sul.